

Ocerlan Ferreira Santos &
Washington Santos Nascimento

**Viver e morrer no sertão baiano: dimensões da vida negra em
Maracás/BA (1877-1887)**

Graduado em História e
especialista em Educação,
Cultura e Memória pela
UESB.
ocerhist@yahoo.com.br

Doutorando em História
Social pela USP.
washingtonprof@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por propósito fazer uma discussão sobre o universo negro do sertão baiano, especificamente na região sudoeste da Bahia, no final do século XIX. Destacam-se diferentes aspectos tais como a formação de famílias negras, a mobilidade espacial e as *causa mortis* dessa população. Dessa forma procuraremos identificar todo um contexto que os cercavam, evidenciando uma dinâmica social existente no sertão baiano. Analisamos 325 registros de óbitos, escritos em dois livros correspondentes aos anos de 1877 a 1887, bem como um livro de batismo referente aos anos de 1880 a 1887, escrituras e livros de notas.

Palavras – chave: Negros, Sertão Baiano, Universo Social.

ABSTRACT: This article is intended to make a discussion on the universe of black Bahian hinterland, especially in the southwest region of Bahia, in the late nineteenth century. It is different aspects such as the formation of black families, the mobility space and causes death of the population. Thus try identify an entire context that surrounded, showing an entire social dynamics in the backwoods Bahia. We analyzed records of 325 deaths, written in two books for the years 1877 to 1887, and a book of baptism for the period 1880 to 1887, scriptures and books of notes.

Enviado em 14 de janeiro
de 2009 e aprovado em 6
de Abril de 2009.

Key - words: Black, Sertão Baiano, Social Worlds

Em 31 de agosto de 1877 nasceu Felicidade, filha de Leandra crioula, livre, ao contrário de sua mãe não, era propriedade de Eutorgio Batista de Souza, um grande proprietário da localidade do Gentio, local que ficava nos arredores da então Vila de Maracás, sertão baiano. Felicidade tinha se beneficiado da Lei do Ventre Livre, que libertava todos os filhos de escravos nascidos a partir do ano de 1871. Infelizmente ela não pôde aproveitar a sua liberdade, morreu “ingênua”, com três meses de idade, padeceu de algo difícil de precisar, “moléstia interna”, que mostra a dificuldade de identificar de maneira precisa do que se morria no sertão baiano¹.

Felicidade foi mais uma das inúmeras filhas de escravos que pouco viveram, morrendo quase sempre do “mal-de-sete-dias”², a sua breve história pode apenas parcialmente ser acompanhada através da análise do seu registro de óbito. Normalmente tais registros são considerados como “áridos”, destinados particularmente a estudos quantitativos, mas a intenção aqui é uma intervenção qualitativa, buscando possíveis variáveis que nos ofereçam indícios da realidade social da população de cor (escrava e liberta) do sertão baiano do final do século XIX, mais particularmente da Vila de Maracás, localizada no sudoeste baiano.

Para o estudo da situação em Maracás, analisamos 325 registros de óbitos, escritos em dois livros de óbitos correspondentes aos anos de 1877 a 1887³, bem como um livro de batismo referente aos anos de 1880 a 1887⁴, escrituras e livros de notas. Uma característica desses registros eclesiásticos (batismos, casamentos e óbitos), como observa Silmei de Sant’Ana Petiz (2006), é o fato de serem “[...] repetitivos ao longo do tempo e homogêneos, apresentando raras modificações que, em geral, foram ocasionados pela mudança dos religiosos que redigiam as atas” (PETIZ, 2006: p. 03).

Interessa-nos, a partir dessa documentação, discutir o universo negro no sertão baiano, especificamente na região de Maracás, sudoeste baiano, ao ver de maneira conjunta a vida dos escravos e libertos, procurando assim evidenciar a dinâmica social existente nessa localidade e discutir a presença negra na Bahia para além de Salvador e do Recôncavo.

Optamos por analisar conjuntamente escravos e libertos, por entender que a alforria estabeleceu um novo estatuto jurídico para o liberto, mas muito pouco fez para a sua vida material e para o seu reconhecimento como cidadão, pois a liberdade não livrava o ex-cativo do estigma social que o acompanharia por toda a sua vida (e morte).

O limite entre estes dois mundos era tênue, como mostramos em nossos estudos sobre outras regiões do sertão baiano⁵ e também na região de Maracás, como, por

1 Livro de Óbitos Nº 1 (1877 – 1882). Arquivo do Fórum Washington Luiz Santos – Maracás/Bahia. (não Catalogado) (Numero 43).

2 O “mal-de-sete-dias” ocorria em decorrência do tétano, provocado pelos métodos inadequados de tratar o cordão umbilical da criança.

3 Livro de Óbitos Nº 1 (1877 – 1882). AFWLS – Maracás/Bahia. (não Catalogado) e Livro de Óbitos Nº 2 (1882 - 1888). AFWLS – Maracás/Bahia. (não Catalogado).

4 Livro de Batismos (1880-1884). AFWLS (não Catalogado).

5 Para mais informações ver NASCIMENTO, Washington Santos. *Escravidão, Famílias Escravas e Mulheres Forras no Sertão Baiano (século XIX)*. **Revista Outros Sertões**, v.2, p.181 - 193, 2008, NASCIMENTO, Washington Santos. *Famílias escravas, libertos e a dinâmica da escravidão no sertão baiano (1876 1888)*. **Revista Afro-Asia (UFBA)**, v. 35, p. 220-240, 2007, e SANTOS, Ocerlan Ferreira. *Caminhos da Liberdade na Imperial Vila da Vitória (Século XIX)*. In: **Anais do VI Colóquio do Museu**

exemplo, evidencia a história de João, ex-escravo de dona Carlota Morbeck, liberto pela lei dos sexagenários, e que, segundo o livro de óbitos, “[...] vivia em miserável estado em abandono dos senhores”. Não tendo para onde ir, continuou gravitando em torno de sua ex-senhora, e morre no ano de 1887, na rua da Baixa da areia, em casa de Porcina, escrava de dona Carlota.

Breve história da vila de Maracás e da presença negra na região

Maracás dista 375 quilômetros de Salvador e situa-se no sudoeste baiano. Essa cidade é um dos mais antigos municípios, surgida no processo de interiorização do território baiano. As primeiras referências da localidade datam de 1660 quando bandeirantes portugueses, ao subir o Rio Paraguaçu, em direção à Serra Geral, lá enfrentaram os indígenas Maracás – homens guerreiros que assim eram chamados pelo uso de um instrumento, o maracá, que consistia em um cilindro de madeira ou cabaça ocos, contendo no seu interior pedras pequenas.

A resistência de tais indígenas impossibilitou um avanço maior dos portugueses, que voltaram à região novamente em 1671 com os sertanistas Baião Parente, Brás Rodrigues Arcão, sargento Pedro Gomes e Gaspar Rodrigues Adorno⁶. Eles dizimaram a população indígena e construíram no local um criatório de gado. Graças às boas pasta-



Região Sudoeste da Bahia – SEI/BA

Pedagógico: História, Educação e Cultura, 2006, Vitória da Conquista-BA. 2006

⁶ Sobre diferentes aspectos da presença indígena na localidade ver PUNTONI, Pedro. **A guerra dos bárbaros**. São Paulo, Fapesp/Hucitec/Edusp, 2002 e NEVES, Juliana Brainer Barroso. **Colonização e resistência no Paraguaçu/Bahia, 1530-1678**. 2008. Dissertação. (Mestrado em História Social), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008 e SIERING, Friedrich Câmara. **Conquista e dominação dos povos indígenas: resistência no sertão dos Maracás**. Dissertação. (Mestrado em História Social), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

gens e localização geográfica (um entroncamento que ligava as minas de Rio de Contas ao litoral sul e a capital) em 1855 é criado o município de Maracás, desmembrado de Mucugê⁷. Fazia parte de Maracás neste período uma enorme extensão de terras que hoje constituem as cidades de Milagres, Jequié, Manoel Vitorino, Jaguaquara, Itiruçu, Lagedo do Tabocal e Contendas do Sincorá, todas essas localizadas na região sudoeste da Bahia

Ao passar na região entre 1817 e 1820, os viajantes Spix e Martius vão dizer que o Arraial de Maracás, “[...] além de muito ruim e muito pobre, estava abandonado pela maioria dos habitantes” (SPIX e MARTIUS, p. 1967: p. 117). Entretanto, ao que parece, esta pauperização da localidade não é um fato somente do início do século XIX, pois Durval Vieira de Aguiar, ao passar pela localidade no final do século XIX, afirmava que a vila se encontrava em franco declínio, “[...] com baixa e ordinária edificação, feias ruas, uma grande praça com velhas e arruinadas casas, tendo no centro a velha matriz.”. (AGUIAR, 1979: p 218). Segundo ele o município contava com muitas fazendas de criação, mas poucas eram prósperas.

A presença escrava nesta região é assinalada por um dos poucos censos realizados no interior do Estado: em 1870 registrava-se na localidade uma população de 11.500 pessoas livres e 810 escravos⁸. Como se observa, a população escrava não teria sido grande na localidade, como também assevera Aguiar ao criticar a prática da monocultura existente no recôncavo do estado:

Para tudo isso se recomenda essa ubérrima região, onde nunca predominou o braço escravo, sempre muito reduzido, por isso que a lavoura tem sido variada, segundo o gosto e as forças de cada um, em roças cercadas, que se transmitem a filhos e netos, sem que a terra canse de produzir como a do recôncavo. (AGUIAR, 1979: 219)

Analisando livros de óbitos e batismos podemos ter um dado aproximado da realidade social daquela localidade. Dos 351 registros de óbitos correspondentes aos anos de 1877 a 1887, aproximadamente 35%, ou seja, 123, diziam respeito a escravos e libertos. A maioria dos escravos vivia na zona rural e pertencia a algumas famílias de grandes fazendeiros da região, como a “Silva Pinto”, “Dias Nascimento” e “Souza Meira”. Entretanto, são detectados também alguns escravos urbanos, moradores de Maracás, e que trabalhavam na casa de seus senhores, bem como em seus negócios.

Outros viviam em casas separadas de seus senhores, como é o caso da escrava Porcina, que morava na Rua da Baixa da Areia, enquanto a sua dona Carlota Morbeck morava na praça da Matriz⁹. A escrava Roza de José Antonio Cardoso na rua dos Periquitos já seu senhor na rua da Entrada do Sertão. A Igreja também possuía escravos,

7 Para maiores informações sobre a história da cidade de Maracás, ver ARAÚJO, Emerson Pinto de. História de Jequié, 2ª edição, Editora Gráfica da Bahia, Salvador, 1997 e FONSECA, H. J. Formação política da região sudoeste da Bahia In: AGUIAR, Edinalva Padre. et alli. Política: o poder em disputa. Vitória da Conquista e região. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1999. (Série Memória Conquistense, v. 3).

8 Tais dados foram retirados do censo de 1870 registrados por Kátia Mattoso em seu livro: MATTOSO, Kátia. **Bahia: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX**. São Paulo, HUCITEC: Salvador. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

9 Livro de Óbitos N° 2 (1882 - 1888). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado. (Registro número 23)

um desses era José, africano, escravo do Vigário Antonio Nunes Pinheiro de Almeida, pároco da Igreja Matriz de Maracás¹⁰.

Percebe-se na cidade de Maracás uma configuração espacial pautada nas questões étnicas e sociais. Enquanto a elite econômica da cidade morava na Praça da Matriz, os comerciantes moravam na rua da Entrada do Sertão e a população pobre e negra morava nas ruas circundantes como a rua da Baixa da Areia e a rua dos Periquitos¹¹.

Ao que parece na rua dos Periquitos havia uma concentração de africanos e seus descendentes. Lá vivia Euzebia Luiza de Souza, 60 anos, parda, viúva, e que era uma das parteiras da localidade, que morreu em 1879 de Moléstia Interna, deixando três filhos. Outro morador era Jabú, livre pela lei dos sexagenários, tinha mais de sessenta anos, era solteiro e vivia de lavoura, tinha sido escravo de dona Maria Joaquina Saraiva, também tinha conseguido uma casa própria, na qual falecera de moléstia Interna em 1887. Outro morador da rua dos periquitos era José Africano, que depois de ser liberto pelo vigário Antonio Nunes Pinheiro de Almeida, foi para a Rua dos Periquitos, onde morreu em 1887 aos 80 anos de idade. Também lá vivia a escrava Roza, preta que pertencia a José Antonio Cardoso e, assim como a já referida Porcina morava em casa diferente daquela do seu senhor.

Foi nesse espaço negro - a rua dos Periquitos em Maracás - que emergiu a figura de Maria Jacaré, por alguma razão que não podemos ainda saber foi em sua casa que alguns ex-escravos, nascidos na África preferiram morrer, este é o caso, por exemplo, de João Africano, solteiro, liberto, morto em 1877 aos 65 anos de Moléstia Interna. Também Nicolau Africano, ex-escravo de Maria Jardim, encontrava-se livre e morreu em 1880, aos 80 anos de velhice e José Cobra de 100 anos, ex-escravo do Major José Antonio Ribeiro de Novaes, solteiro, liberto, morrera de velhice em 1880. Todos estes óbitos foram registrados por uma única pessoa, Joaquim Nagô, que provavelmente tinha uma relação de proximidade com Maria Jacaré. Quem seria Maria Jacaré. Algumas hipóteses podem ser levantadas sobre quem teria sido Maria Jacaré, por exemplo, ela poderia ter sido uma curandeira que atraía doentes na busca para a cura de seus males e/ou ainda uma líder religiosa, procurada nos momentos finais da vida pelos enfermos.

No período em estudo, na zona rural há indícios de que existiam comunidades quilombolas ou, o que é mais provável, comunidades negras, compostas por remanescentes de quilombos da região e escravos alforriados. Em Maracás é registrada uma localidade denominada Zumbi, local de onde veio no ano de 1879 Rufino Forte (sem referência se era liberto ou não) registrar a morte de Clemência Raiz Pereira, de 100 anos

10 Idem. (Registro Número 15)

11 Ainda hoje na cidade de Maracás existe o bairro do cuscuz, composto majoritariamente por negros. Para uma discussão maior ver GUIMARAES, Jerry Santos. O clube do cuscuz: espaço de festas, identidades e resistência. **Anais do Seminário História em Debate: Fórum Permanente de Debates sobre Trabalho, Cultura e Poder**. Ano 1. Ciclo 2. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2006 e SOUZA, Sandra Mara Bispo (Et. alli). Estrutura populacional do Cuscuz: um bairro afro-descendente do município de Maracás (BA). In: **49º Congresso Nacional de Genética**, 2003, Águas de Lindóia. 49º Congresso Nacional de Genética. Ribeirão Preto : Sociedade Brasileira de Genética, 2003. Uma alusão a essa e outras comunidades existente na região pode ser encontrada em NASCIMENTO, Washington Santos. Famílias escravas, libertos e a dinâmica da escravidão no sertão baiano (1876 1888). **Revista Afro-Asia (UFBA)**, v. 35, p. 220-240, 2007.

(nasceu em Rio de Contas). Ela era natural de Minas do Rio de Contas (atual cidade de Rio de Contas), e sua mãe Maria ainda estava viva e morava na localidade de Zumbi. Pela expectativa da idade apresentada, mesmo não sendo correta, Clemência devia pertencer à segunda geração de moradores da localidade. No registro de Óbito consta que morreu de velhice. Havia ainda uma localidade denominada de Quilombo, onde viviam escravos pertencentes à Ana Francisca Gonçalves. Um desses escravos era Brígida, cor cabra, solteira, com dois filhos e que sucumbiu á moléstia interna. A localidade Quilombo não pertencia a Ana Francisca Gonçalves, provavelmente, como em outros casos analisados, o escravo não morava na casa do seu senhor.

O Mundo Negro: dimensões da vida de escravos e libertos no sertão baiano.

Analisando de maneira conjunta escravos e libertos percebemos certo equilíbrio entre homens (55%) e mulheres (45%), sendo que geralmente as mulheres se chamavam ou compunham sua assinatura o nome de Maria. Nada menos do que 40% das mulheres tinham Maria em seu nome ou sobrenome, talvez isso se deva ao fato da padroeira de Maracás ser Nossa Senhora das Graças, uma “variação” de Maria, mãe de Jesus. Uma das possíveis explicações para esse equilíbrio talvez seja o aumento das famílias escravas nos últimos anos da escravidão em toda a região¹².

A maioria da população de cor (quer escrava ou liberta) era nascida no Brasil, 74,8% eram considerados como pardos, crioulos, cabras e mulatos e apenas 14,63% eram nascidos no continente africano, merecendo por isso denominações como preto, africano e fulas. Segundo Silvia Lara (1988), a existência de designações como “negro”, “cabra”, “pardo”... embora não se refiram diretamente às condições de vida daquela população de cor, “[...] indicam a existência de outros níveis de diferenciação social que, para aqueles homens e mulheres [...], não eram subsumidos pelas distinções entre livres, forros e escravos” (LARA, 1988: p. 350). Vejamos o quadro abaixo¹³.

12 De maneira semelhante na região vizinha da Imperial Vila da Vitória o autor Washington Nascimento (2008) também percebe esse equilíbrio entre mulheres e homens. Para mais informações ver NASCIMENTO, Washington Santos. **Construindo o “negro”**: lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930). São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, (Dissertação de Mestrado) 2008.

13 Perceptível também é o baixo percentual de registros de óbitos da população indígena, apenas 0,82% dos registros faz referência a índios, ou seus descendentes diretos, apesar da existência na cidade e na região de famílias como Tupinambá, moradora da Rua da Entrada do Sertão e composta por Victor Tupinambá e Julião Ferreira Tupinambá, dentre outros. Além de uma localidade denominada gentio, onde pouco vivera a pequena Felicidade. O que sugere que já havia um baixo contingente populacional indígena na região, simplesmente o fato destes não darem importância para tais dispositivos, ou ainda por adotarem sobrenomes cristãos e assim “desaparecerem” na documentação oficial. Uma das possíveis explicações para isso talvez se deva a “mistura” das populações indígenas com as populações negras e brancas locais. Na região vizinha do Sertão da Ressaca (atual região de Vitória da Conquista/BA) parece ter havido uma mistura de populações indígenas com afro-descendentes. Essa é uma questão que necessita de um maior aprofundamento, uma breve incursão nessa discussão é feito em NASCIMENTO, Washington. **Mestiçagens e Identidades Negras: Um olhar a partir da relação negro-indio. Publicatio UEPG.** Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Lingüística, Letras e Artes. , v.16, p.233 - 241, 2008

Africano	6	
Preta	11	
Fula	1	
Total	18	14.63%
Crioulo	13	
Cabra	12	
Mulato	2	
Pardo	65	
Total	92	74.80%
Parça Acabocladada	1	
Total	1	0.82%
Sem Referência	12	
Total	12	9.75%
<i>Total Geral</i>	<i>123</i>	<i>100%</i>

Fonte: Livro de Óbitos N° 1 (1877 - 1882). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado e Livro de Óbitos N° 2 (1882 - 1888). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado

A formação de famílias cativas, extensas, através dos parentes de sangue, compadres e companheiros de trabalho também são elementos característicos do sudoeste do Estado. Em Maracás, nas fazendas da família Silva Pinto, localizadas na região que hoje corresponde à cidade de Contendas do Sincorá, constituía-se regra a formação de núcleos familiares. Talvez por um maior “esclarecimento” por parte do “doutor” Ernesto da Silva Pinto, formado na Faculdade de Medicina da Bahia e que era dono da maioria das propriedades da família. Provavelmente ele seria “partidário” de que a formação de uniões conjugais entre a população negra levaria a um processo de pacificação das senzalas, tal qual o descrito por Manolo Florentino e José Roberto Góes (1997) em relação à realidade do Rio de Janeiro.

Na fazenda Boqueirão, onde vivia o irmão de Ernesto da Silva Pinto, Melhiades da Silva Pinto, observa-se a presença de famílias escravas como a de Libirio e Justina, pais da liberta pela lei do ventre livre, a ingênua Natalia, morta de congestão apenas com 20 meses de idade.

Nas propriedades do Major Joaquim Antonio de Oliveira, vivia a família de João e Catarina, pais do falecido Prisco, morto de febres no ano de 1880. E mesmo famílias de ex-escravos, como a formada por Antonio e Felismina, Antonio viera das “Mattas”, vindo provavelmente o litoral sul da Bahia para casar-se com Felismina, com quem tivera quatro filhos. Ao que parece era comum à organização de escravos em grupos familiares no Boqueirão.

Este mesmo padrão pode ser percebido em outras propriedades da família Silva Pinto, localizadas em Contendas, atual cidade de Contendas do Sincorá, onde viviam o irmão e a mãe de Ernesto, Francisco da Silva Pinto e Bernadina da Silva Pinto respectivamente. Todos os escravos que viviam nesta localidade e que de alguma forma foram registrados nos livros de óbitos pertenciam a algum núcleo familiar, como a formada pelos cativos Aprígio e Isabel, entre seus filhos havia o escravo Rozendo, que morrera em 1879, aos 24 anos, de “moléstias internas” e a família formada pelos escravos Sebastião e Delfina, pais de Marciano, morto aos 18 anos também em 1879, de tuberculose.

Em outras localidades pertencentes à Vila de Maracás famílias de libertos também são registradas, como a de Aperta Mão, Lagoa da Serra, Localidade de Olho D'água, Santo Antonio, Curralinho, Porto Alegre, Boa Sorte e Santa Clara. Entretanto, em nenhuma dessas se nota a mesma constância de famílias escravas ou ex-cativas como as existentes nas propriedades da família do médico Ernesto da Silva Pinto. Analisando o interior de Minas Gerais do século XVIII, Eduardo Paiva (2001) encontra uma situação semelhante a essa encontrada em Maracás, segundo ele na propriedade do paulista Jose Vieira de Almeida todas as escravas existentes eram casadas e provavelmente ocupavam uma habitação em separado dos demais.

Outro traço também significativo dessa documentação é a mobilidade da população escrava e liberta. Em Maracás é registrada a presença de alguns escravos de Francisco de Souza Meira, um dos fundadores da vila de Bom Jesus dos Meiras, atual cidade de Brumado. Luiz, cabra, solteiro, era um desses escravos, nascido na vila de Brejo Grande (atual cidade de Ituaçu), vivera algum tempo em Bom Jesus dos Meiras, para depois morrer de febre maligna em Maracás. Parentes de Francisco, como Egídio de Souza Meira e Inácio José de Souza Meira, trouxeram escravos da Imperial Vila da Vitória (atual cidade de Vitória da Conquista) para a região de Maracás. Mais curiosa ainda é a história do escravo Adão, crioulo, propriedade de Maria Josefina Cândida Barboza Cabral, que residia na cidade de Cachoeira, mas se encontrava em muito tempo em mãos do Tenente Miguel Barboza Cabral, que residia na localidade do Cumbe, região de Maracás, onde Adão morreu aos 23 anos em 1877 de “moléstia de peito”.

A população livre de cor é a que apresenta uma maior mobilidade. De Minas Gerais, veio o arriero de tropas, Manuel do Nascimento, morto aos 32 anos, em 1877, de hidropisia. De Salvador, de cidades do recôncavo Baiano (Cachoeira e Nazareth das Farinhas) e cidades da Chapada Diamantina (Ituaçu, Rio de Contas e Macaúbas), além de localidades apenas definidas como “matas” (provavelmente a região compreendida entre as cidades de Jequié e Ilhéus) também vieram outros libertos, alguns com profissões como Bevenuto Soares Ferreira Filho, pardo, viera de Cachoeira para desenvolver sua atividade de artista ferreiro na cidade de Maracás, Hermenegildo de Moura e Câmara, que viera de Rio de Contas, para atuar como agente dos correios em Maracás¹⁴ e Francisca Maria da Conceição que era natural da vila de Brejo Grande (atual cidade de Ituaçu) e viera para Maracás trabalhar como costureira. Já Francisca, liberta, ex-escrava do capitão José Antonio Fontes, com oitenta anos de idade, solteira, cor preta, tinha quatro filhos, viera de Serra Grande termo da cidade de Valença para Maracás viver como cozinheira¹⁵.

Quando morre um negro: A morte dos escravos e libertos

Normalmente o registro de óbitos era feito no mesmo dia do acontecido ou no dia posterior, quando feito numa data muito distante pagava-se uma multa. Tal registro,

14 Livro de Óbitos N° 1 (1877 - 1882). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado. (Registro número 32c)

15 Livro de Óbitos N° 2 (1882 - 1888). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado. (Registros números 11 e 37)

como ainda é hoje em dia, era fundamental para que se consiga a autorização para o enterro nos cemitérios públicos. Levando-se em consideração que muito provavelmente a população negra vivia na zona rural e que era nos cemitérios particulares presentes nas fazendas que se praticava o enterro dos defuntos sem fazer nenhum registro disso, não deve nos surpreender que a grande maioria dos falecidos residissem na cidade de Maracás e na Povoação dos Morros, onde havia um maior vigor das autoridades locais em verem seus defuntos enterrados nos cemitérios públicos.

Dos mortos, 78% eram libertos e apenas 22% ainda continuavam escravos, evidenciando assim o fim da escravidão na região, mesmo antes da lei que instituiu o fim da escravidão nacional. Percebe-se na região a atuação de um fundo de emancipação. Normalmente quem fazia os registros de óbitos dos escravos eram os seus donos ou procuradores. Já os registros da população livre eram feitos por algum parente (normalmente pai, filho, marido...), pelo Delegado de Polícia, no caso de crianças livres filhas de escravos, era feito pelo proprietário de seus pais. Desta população livre, cerca de 33% morria antes de completar um ano de idade, normalmente vítimas do “mal-de-sete-dias”, de tuberculose ou de outras enfermidades mais suscetíveis a crianças criadas em condições de pobreza.

Analisando o Rio de Janeiro de 1808 a 1850, Mary Karash também chega a dados próximos aos nossos ao destacar o elevado índice de mortalidade de crianças escravas na cidade¹⁶. Outro que destaca o elevado índice de mortalidade infantil entre a população de cor foi João Reis, em seu estudo sobre a cemiterrada¹⁷. Outro dado significativo é o fato de que 23, 75% dos mortos tinham mais de sessenta anos e não raro morreriam de velhice.

- 1 Ano	30	33,33%
01 a 10	11	12,22%
11 a 20	6	6,6%
21 a 30	11	12%
31 a 40	6	6,6%
41 a 50	5	5,5%
51 a 60	0	0%
Mais de 60	21	23,75%
Total	90	100%

Fonte: Livro de Óbitos No 1 (1877 - 1882). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado e Livro de Óbitos No 2 (1882 - 1888). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado

16 Para maiores informações sobre as moléstias que acometia os escravos adultos e crianças ver KARASH, Mary C. **A Vida dos escravos no Rio de Janeiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (paginas 143 a 167 e 207 a 258). Para a região sul do Brasil ver PETIZ, S. de Sant’Ana. **Contribuições metodológicas para estimativas da mortalidade de escravos da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Rio Pardo do Rio Grande do Sul colonial**. XII Encontro regional de história: usos do passado. ANPUH/RJ, 2006.

17 Ver REIS, João José. **A Morte é uma festa: Ritos Fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. (pagina 37)

O registro das doenças era algo de extrema dificuldade, visto a inexistência de médicos na região. O único que aparece na documentação é o Doutor Ernesto da Silva Pinto, formado na Faculdade de Medicina da Bahia, que tinha propriedades próximas a Maracás, dentre elas, a Fazenda do Boqueirão, na qual no ano de 1879 é registrada a presença de escravos. Ao que parece a presença deste médico era constante na região, visto que em alguns momentos era ele que ia fazer o exame de corpo de delito e dava o atestado àqueles que iam fazer o registro. Devido à inconstância do “doutor”, que normalmente só emitia tais atestados a indivíduos ligados à propriedades de sua família, cumpria esta tarefa na cidade de Maracás o Capitão Genezio Borges de Souza ou seu irmão, o Major Carlos Borges de Souza, ambos negociantes e farmacêuticos práticos.

A falta de um conhecimento mais aprofundado por parte destes dois senhores nos impossibilita um conhecimento maior das doenças que afetavam a população de cor, assim 25,20% morria de “moléstia interna” e as “febres” eram responsáveis por 10,56% das mortes. Keith Barbosa (2008) apresenta um percentual semelhante para o registro da Freguesia de Nossa Senhora da Candelária (área urbana do Rio de Janeiro), com pouco mais de 20% para moléstias internas e 10% para as febres. Segundo João Reis (2001), essas expressões abrangentes eram utilizadas quando não era possível associar os sintomas do enfermo com alguma doença conhecida¹⁸, assim sendo, tais denominações nos impossibilitam de precisar a razão da morte desses enfermos. Entretanto outras doenças também eram muito comuns como, por exemplo, a tuberculose (denominada geralmente como “moléstia de Peito”), responsável por 13% das mortes e o mal-de-sete-dias, 5% das mortes.

Interessante destacar que por Maracás ser uma região de clima frio, muitas pessoas vinham até a localidade para se curar das “moléstias de peito”, como diz Aguiar (1976), de que “[...] o clima em qualquer parte do termo é o mais salubre possível, e muito aproveitado à cura de certas moléstias de peito, cujos doentes vão ali se restabelecer” (AGUIAR, 1976: p.218). Nota-se que a tuberculose não fez tantas vítimas em Maracás como fez no Rio de Janeiro em estudo apresentado por Karasch (2000) nos anos de 1695-1839 (53,6%) e 1833-1849 (36,8%), perdendo em números apenas para os dados oferecidos por Barbosa (2008) nas Freguesias de Nossa Senhora da Candelária (área urbana) e Nossa Senhora de Jacarepaguá (área rural), também no Rio de Janeiro dos anos de 1820-1831, em que a tuberculose fez menos de 5% de vítimas.

Levando em consideração a disparidade dos períodos em comparação, talvez o que deu a Maracás uma maior imunidade à tuberculose foram às condições naturais da região e o modesto movimento migratório de escravos e pessoas livres na cidade, ao contrário do que ocorria no Rio de Janeiro de Karasch devido aos portos marítimos que recebiam navios negreiros vindos da África e de outras regiões do mundo.

Muitos libertos morriam na miséria, como Maria Florinda, de setenta anos de idade, cor cabra, “vivia em miserável estado” e também segundo o livro de óbitos “a cerca de trinta anos mais ou menos residia na Gameleira deste Termo e que doravante este tempo nunca por alguém foi procurada”, morreu só, em 1887, de “moléstia Interna”¹⁹. Mais triste ainda é o relato da vida de Antonio, africano, ex-escravo de dona Maria

18 Para mais informações ver REIS, João José. **A Morte é uma festa ...** (pagina 36)

19 Idem (Registro Número 13)

Angélica da Costa Saraiva, que morreu em 1888 de moléstia cancerosa no nariz, devido ao estado avançado da doença, vivia só, morrendo “pobre e indigente” na localidade de Lava Pés²⁰.

A precarização da vida desta população fazia com que doenças aparentemente eliminadas voltassem a se manifestar, a exemplo do escorbuto, causado pela falta de vitamina C, era uma das principais enfermidades que matava os negros durante a travessia oceânica. Esta doença foi a responsável pela morte do pequeno André, de quatro meses, nascido na localidade de Milagres (provavelmente a atual cidade de Milagres) e filho de pais libertos. Não raro também foi o registro da morte por velhice (3,25%), evidenciando assim certa estabilidade na vida daqueles indivíduos.

Armas de fogo	3	2,43%
Congestão	2	1,60%
Estupor	3	2,43%
Febres	13	10,56%
Hidropsia	2	1,60%
Mal de sete dias	5	4,06%
Moléstia interna	31	25,20%
Moléstia de peito	16	13%
Parto	2	1,06%
Queimadura	3	2,43%
Tísica	2	1,06%
Velhice	4	3,25%
Outros	37	30,08%
Total	123	100%

Fonte: Livro de Óbitos N° 1 (1877 - 1882). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado e Livro de Óbitos N° 2 (1882 - 1888). AFWLS – Maracás/Bahia, Não Catalogado

Considerações finais

Percebe-se em Maracás uma nítida configuração espacial pautada nas questões étnicas e sociais. Enquanto a elite econômica da cidade morava na Praça da Matriz, os comerciantes moravam na rua da Entrada do Sertão e a população pobre e negra morava nas ruas circundantes, como a da Baixa da Areia e a dos Periquitos, além das fazendas e comunidades negras localizadas na zona rural.

Um dado importante é que parte significativa dos últimos escravos morava em casas diferentes daquelas de seus senhores, revelando assim a criação de um espaço de autonomia entre senhores e cativos, e a existência de um processo de “acomodação” da população escrava, que antecedeu a própria abolição de 1888.

Merece destaque também a presença de uma grande quantidade de famílias escravas, em algumas localidades como a do Boqueirão. Nas propriedades da fazenda Silva Pinto, era norma a constituição de famílias de cativos. Provavelmente esse fato se deva ao próprio processo de “acomodação” descrito anteriormente.

Havia uma grande mobilidade espacial da população negra, com relação aos li-

²⁰ Idem (Registro Número 29).

bertos vemos negros vindos de regiões de Minas Gerais, do litoral baiano (as “matas”), do recôncavo e de outras áreas do interior do estado da Bahia em direção ou de passagem por Maracás. Essa mobilidade provavelmente terá influído na própria circulação da cultura afro-brasileira.

Com relação á causa mortis desses negros percebemos um elevado índice de mortalidade infantil, e a imperícia dos médicos em precisar as razões da morte desses indivíduos. É marcante também a construção de laços de solidariedade, muitos dos ex-cativos que moravam em Maracás viviam na Rua dos Periquitos e quase sempre iam morrer na casa de Maria Jacaré. Evidencia-se assim que por mais diminuta que possa ter sido a população negra de Maracás, esta conseguiu construir laços de solidariedade vitais para sua sobrevivência antes e depois que se tornaram livres.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Emerson Pinto de. *História de Jequié*, 2ª edição, Editora Gráfica da Bahia, Salvador, 1997
- AGUIAR, Durval Vieira de. *Descrições Práticas da Província da Bahia: com declarações de todas as distancias intermediárias das cidades, vilas e povoações*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Cátedra: Brasília, INL, 1979.
- BARBOSA, Keith. Escravidão, mortalidade e doenças: notas para o estudo das dimensões da diáspora africana no Brasil. *Anais do XIX Encontro regional de história: poder, violência e exclusão*. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.
- FLORENTINO, Manolo & GÓES, José Roberto. *A Paz das Senzala*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997
- FONSECA, Humberto José. Formação política da região sudoeste da Bahia In: AGUIAR, Edinalva Padre. et ali. *Política: o poder em disputa*. Vitória da Conquista e região. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1999. (Série Memória Conquistense, v. 3).
- GUIMARAES, Jerry Santos. O clube do cuscuz: espaço de festas, identidades e resistência. *Anais do Seminário História em Debate: Fórum Permanente de Debates sobre Trabalho, Cultura e Poder*. Ano 1. Ciclo 2. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2006
- LARA, Silvia Hunold. *Campos da Violência: escravos e senhores na Capitania do Rio de Janeiro, 1750-18108*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- KARASH, Mary C. *A Vida dos escravos no Rio de Janeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MATTOSO, Kátia. *Bahia: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX*. São Paulo, HUCITEC: Salvador. Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978.

MATTOSO, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil séc. XIX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

NASCIMENTO, Washington Santos. *Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930)*. Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil.2008.

_____. Escravidão, Famílias Escravas e Mulheres Forras no Sertão Baiano (século XIX). *Revista Outros Sertões*. , v.2, p.181 - 193, 2008.

_____. Mestiçagens e Identidades Negras: Um olhar a partir da relação negro-indio. *Publicatio UEPG*. Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. , v.16, p.233 - 241, 2008

_____. Famílias escravas, libertos e a dinâmica da escravidão no sertão baiano (1876-1888). *Revista Afro-Asia (UFBA)*, v. 35, p. 220-240, 2007.

_____. Padrões e Tendências das Enfermidades e Causas Mortis entre os escravos e libertos na Região Sudoeste da Bahia (1867-1887). In: *Anais do III Encontro Estadual de História, Caetité*. III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade. Vitória da Conquista - Bahia : Eureka. v. 1, 2006.

_____. Maria Jacaré, Joaquim Curandeiro e o Samba na casa de Pedro Fumaça: Elementos do Universo Cultural da população Negra do Sertão Baiano (1850-1888) In: VI Colóquio do Museu Pedagógico, 2006, Vitória da Conquista. *Anais do VI Colóquio do Museu Pedagógico*, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA, 2006

NEVES, Juliana Brainer Barroso. *Colonização e resistência no Paraguaçu/Bahia, 1530-1678*. 2008. Dissertação. (Mestrado em História Social), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

PETIZ, Silmei de Sant'Ana. Contribuições metodológicas para estimativas da mortalidade de escravos da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Rio Pardo do Rio Grande do Sul colonial. *XII Encontro regional de história: usos do passado*. ANPUH/RJ, 2006.

PUNTONI, Pedro. *A guerra dos bárbaros*. São Paulo, Fapesp/Hucitec/Edusp, 2002.

REIS, João José. *A Morte é uma festa: Ritos Fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- SANTOS, Ocerlan Ferreira. Caminhos da Liberdade na Imperial Vila da Vitória (Século XIX). In: *Anais do VI Colóquio do Museu Pedagógico: História, Educação e Cultura, 2006*, Vitória da Conquista-BA. 2006
- SIERING, Friedrich Câmara. *Conquista e dominação dos povos indígenas: resistência no sertão dos Maracás*. Dissertação. (Mestrado em História Social), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.
- SOUZA, Sandra Mara Bispo (Et. alli). Estrutura populacional do Cuscuz: um bairro afro-descendente do município de Maracás (BA). In: **49º Congresso Nacional de Genética**, 2003, Águas de Lindóia. 49º Congresso Nacional de Genética. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética, 2003.
- SPIX, Johann Von e MARTIUS, Karl Von. *Viagem pelo Brasil, 1817 – 1820*. 3ª edição. São Paulo. Melhoramentos, 1976.